

Ana Paula Pereira



Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)

app.theiss@gmail.com

Andrea Vieira Zanella



Universidade Federal de Santa Catarina
(UFSC)

avzanella@gmail.com

“ABRIR JANELAS NA ESCRITA”: OFICINA ESTÉTICA COMO ESTRATÉGIA PARA A FORMAÇÃO SENSÍVEL DE DOCENTES

RESUMO

Este artigo apresenta e analisa as ressonâncias de uma oficina estética de escrita para professoras/es do ensino fundamental I e II em uma escola da rede particular de ensino de Curitiba-PR. A oficina apostou na potência da atividade de escrita inventiva em grupo, através de um exercício de criação poética. Destaca-se a importância de experiências de formação estética de professoras/es que promovam encontros com as produções da sensibilidade e imaginação humana, com o fazer criador e inventivo. Conclui-se que as oficinas estéticas surgem como alternativas para uma educação do sensível, frente às práticas que se resumem a repetir técnicas e reproduzir discursos que reiteram uma postura não implicada diante da vida, diante do mundo.

Palavras-chave: Oficinas estéticas. Escrita. Formação continuada. Professores.

“OPENING WINDOWS IN WRITING”: AESTHETIC WORKSHOP AS A STRATEGY FOR SENSITIVE TEACHER EDUCATION

ABSTRACT

This article presents and analyzes the resonances of an aesthetic writing workshop for elementary school teachers I and II in a private school at Curitiba-PR. The workshop bet on the power of the group's inventive writing activity, through an exercise in poetic creation. The importance of aesthetic teacher education experiences that promote encounters with the productions of human sensibility and imagination, with creative and inventive action. It is concluded that aesthetic workshops emerges as alternatives for an education of the sensitive, in the face of practices that are limited to repeating techniques and reproducing discourses that reiterate an uninvolved stance towards life, towards the world.

Keywords: Aesthetic workshops. Writing. Continuing education. Teachers

Submetido em: 20/06/2020

Aceito em: 24/03/2021

Publicado em: 31/08/2021



<https://doi.org/10.28998/2175-6600.2021v13n32p416-432>



1 INTRODUÇÃO

“ Se o professor se interessar pela literatura, tanto melhor. Vai saber do mundo e do sentimento diante dele.”
(Bartolomeu Campos Queirós)

“ [...] o processo educacional está gastando muito tempo com técnicas e não dizendo nada à emoção de cada pessoa envolvida no processo, à pessoa que vive em mim”.
(Bartolomeu Campos de Queirós)

Neste artigo, propomos apresentar e analisar as ressonâncias da oficina estética “Abrir janelas na escrita”, oferecida às professoras e professores das séries iniciais e finais do ensino fundamental de uma escola particular na cidade de Curitiba, como atividade de formação na semana pedagógica em 2017. A oficina teve como objetivo possibilitar aos educadores o encontro com a atividade criadora através da mediação de obras de arte e do exercício de criação poética.

O pensador Lev S. Vigotski (1934/2009, p.15) observou no início do século XX, a existência de um senso comum que pensa que “a criação seja o destino de alguns eleitos, gênios, talentos que criaram grandes obras artísticas”. Reconhece-se com prontidão a criação nas atividades de Tolstoi, Edison e Darwin e “é corriqueiro pensar que na vida de uma pessoa comum não haja criação” (VIGOTSKI, 2009, p.15). Contrário a essa ideia, Vigotski (2009) afirmava que esse ponto de vista é incorreto, posto que a criação, “na verdade, não existe apenas quando se criam grandes obras históricas, mas por toda parte em que o homem¹ imagina, combina, modifica e cria algo novo, mesmo que esse novo se pareça um grãozinho, se comparado às criações dos gênios.” (VIGOTSKI, 2009, p.15). É a aposta no grãozinho da atividade de criação, que como semente ensina a não caber em si, expandir e se transformar, que move as oficinas estéticas ou as oficinas em práticas artísticas como práticas (trans)formativas.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A formação a partir de oficinas estéticas constitui-se tema de estudo para pesquisadores/as de diferentes áreas e abordagens teóricas e metodológicas (PLASZEWSKI & MEIRA, 2020; MOREIRA, 2014; KASTRUP, 2004, 2007, 2012; DIAS,

¹ Mantem-se a palavra homem conforme consta na publicação, porém cabe esclarecer que o autor faz referência ao ser humano genérico.

2009; MAHEIRIE et al, 2007; DUARTE JR., 1991, 2004; MARTINS, 2003; ALBANO, 2007; ZANELLA et al, 2006; MAHEIRIE et al. 2007; SOARES, 2010; SCHLINDWEIN, 2010; KIRINUS, 2008) justamente por apostarem na potência da criação, na invenção das pessoas comuns, mais especificamente dos sujeitos que estão atuando no cotidiano das escolas como professores/as. Em comum, essas pesquisas, que provêm da Psicologia, Educação, Arte-Educação, Literatura, parecem confluir na defesa da importância das oficinas estéticas como dispositivo pedagógico e, portanto, como recursos para (trans)formação inventiva de docentes, em experiências de formação que acolham e eduquem a sensibilidade. Esses estudos apontam as oficinas estéticas como uma ferramenta, uma alternativa para ativação de dinâmicas de formação outras uma vez que, a partir dessas experiências, sentidos são ampliados e outros sentidos são construídos.

Na Psicologia, a nomenclatura “oficinas de práticas artísticas” é apresentada pela pesquisadora Virgínia Kastrup (2004, 2007, 2012) que dialoga desde a Psicologia Cognitiva a partir dos estudos da invenção (2007) e do fazer inventivo. A autora defende a pesquisa-intervenção sustentada por uma política cognitiva, ou seja, uma política de produção de conhecimento outra, inventiva, que resiste e enfrenta a política de produção de conhecimento representacional que confina a experiência da aprendizagem na resolução de problemas.

A nomenclatura “oficinas estéticas” compõe os trabalhos desenvolvidos pelas pesquisadoras Andrea V. Zanella *et. al.* (2007) e Kátia Meheirie *et. al.* (2006), que dialogam desde a Psicologia Social com as questões da pesquisa-intervenção, através das experiências estéticas em oficinas e a constituição dos sujeitos/as da ação docente.

Tais modalidades de oficinas são problematizadas a partir de teorias e metodologias diferentes, porém têm em comum, o tratamento dos processos de criação próprios do fazer da arte como alternativa aos percursos de formação pedagógica de docentes que atuam na rede de ensino, como eixo de pesquisa-intervenção. Tais oficinas podem ser lidas como alternativas através das quais professoras/es podem experimentar processos criativos, como processos de formação. Aposta-se na possibilidade de despertar o desejo, a curiosidade e somar na construção de práticas pedagógicas que permitam ao/s sujeitas/os da ação docente criar, expressar-se, fazer uso e se apropriarem da multiplicidade de formas e linguagens de que temos à disposição, num movimento de educação do sensível.

Os estudos aos quais esse artigo se conecta admitem a necessidade da arte e de percursos formativos orientados pela perspectiva da invenção, em uma educação estética como uma educação do sensível, como discute o pesquisador Duarte Júnior (DUARTE

JR, 2004). Para este autor, trata-se de retornar ao sentido da palavra "estética", que vem do grego "aisthesis" e indica a capacidade humana que a cada um cabe, de sentir a si próprio e ao mundo um todo integrado; em português, o termo se traduz como "estesia", com o mesmo sentido da estética. Afirma que se trata de uma volta para desenvolver e apurar os sentidos, na qual as/os educadoras/es precisam voltar sua atenção para a construção de uma educação que busca desenvolver a sensibilidade.

O desenvolvimento da sensibilidade mobiliza atenção ao saber construído pelos sentidos através das percepções de si, do outro, nas relações do vivido. De uma forma mais geral, a educação do sensível ocorre de forma processual e gradativa, até caminhar para uma educação estética. Duarte Junior (2004) defende a educação do sensível, na qual estão localizadas as experiências de aprender e ensinar arte para o desenvolvimento da pessoa em sua totalidade. O autor afirma que a apropriação do saber sensível constitui a primeira forma de relação de uma pessoa com o mundo e que quando se conectam à expressão por meio da arte, se revelam como potentes experiências, transformadoras da percepção da existência. Por isso, o autor argumenta a defesa da arte, pois ela contribui de forma potente para com o desenvolvimento e promoção de percepções outras. Consoante com o que destaca Vigotski (2001) a arte transforma os sentimentos e contribui para a produção de formas inusitadas de sentir e perceber o mundo.

Duarte Junior (2004) discute a educação da sensibilidade em diálogo com textos do poeta anarquista Herbert Read. Nessas discussões, a educação estética na perspectiva da educação do sensível é apresentada como uma educação dos sentidos, a partir do cotidiano, levando o ensino da arte a ser pautado nas vivências, experiências e reflexões pessoais dos educandos. Essa perspectiva coaduna com o modo como trabalhamos as oficinas estéticas.

Nas oficinas estéticas que propomos, a formação conecta a arte em suas múltiplas expressões com os territórios escolares e extra-escolares, provocando a atenção dos envolvidos ao presente, à esfera do vivido, das experiências e reflexões pessoais. Um trabalho mais próximo de desenformar percepções do que formar dentro de algum molde ou forma pré-estabelecida, as oficinas estéticas emergem como práticas para liberar as forças de vida daquilo que as mantém acorrentadas.

Ter a vida como conteúdo em uma oficina é um esforço por não deixar de ver o vivo e o vivido como um campo diverso em problemáticas. Ao concebermos o vivo, o corpo, as histórias de si na relação com outros/as, intensificam-se as forças para exercitar o pensar e diferenciar-se daquilo que sobre si foi posto como sentido final de se dizer, de se enunciar.

Nas oficinas estéticas tal como as concebemos, experimentam-se múltiplas linguagens artísticas que agenciam diversas experiências, o que significa que tais oficinas produzem algo; nelas algo acontece para cada pessoa. Podemos pensar com Jorge Larrosa (2002) o conceito de *experiência*, quando diz que esta se define em espanhol, como “o que nos passa”; em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir passiert”. Contudo, Larrosa escreve que a experiência não é aquilo que acontece, mas o que me acontece, aquilo que acontece às pessoas no encontro com outros, com o mundo.

Dentre as condições de possibilidade para que uma experiência aconteça, encontra-se o gesto de abertura. Esse gesto pode ser compreendido como uma disposição do corpo a receber algo, alguém ou algum acontecimento e se permitir ser afetado por esse algo, alguém ou acontecimento. A oficina estética, em se configurando para quem dela participa como experiência, significa que sua proposição possibilitou singularizações, que algo aconteceu a cada um/a no tempo do encontro.

O que aconteceu a cada professor/a no exercício de criação literária no contexto da oficina estética “Abrir janelas na escrita”, entendido como ressonância, será visibilizado neste artigo. Interessa-nos olhar para a multiplicidade de vozes poéticas que emergiram no grupo, na intensidade do encontro. Entendemos que compartilhar a experiência contribui para cultivar uma disponibilidade sensível como alternativa de formação: uma disponibilidade que mobiliza o acolhimento dessa atmosfera de abertura do corpo, sentido como um corpo de ressonâncias; como um corpo que sente as forças que correm e compõem o encontro; um corpo que participa do acontecimento.

3 METODOLOGIA: OFICINA “ABRIR JANELAS NA ESCRITA” - SITUANDO A EXPERIÊNCIA

A proposta da oficina surgiu a partir de um convite feito pela coordenação pedagógica de uma escola da rede de ensino privado da cidade de Curitiba. A escola oferece à comunidade o ensino infantil, fundamental e médio e conta com um corpo docente de 160 professores/as. O convite para a oficina foi feito através da coordenadora pedagógica do ensino fundamental, após o contato que ela teve com a coordenadora da educação infantil da mesma escola, junto a qual vinha sendo realizado um trabalho de oficinas estéticas com os professores da educação infantil.

A oficina “Abrir janelas na escrita” ocorreu em um único encontro, na primeira semana do mês de agosto no ano de 2017, com duração de quatro horas e meia e compôs o conjunto de atividades de formação da semana pedagógica da escola². Participaram da oficina 30 docentes do ensino fundamental I e II, responsáveis pelas turmas do primeiro ao nono ano. Por integrar a programação oficial do evento, atividade prevista no calendário escolar, a presença dos docentes era de certo modo esperada e não demandou inscrições.

Na preparação da oficina “Abrir janelas na escrita”, considerou-se importante saber com a coordenadora do fundamental II, de antemão, o espaço que seria disponibilizado para sua realização. A sala em que a oficina seria realizada era a sala dos professores do ensino fundamental II e ensino médio, localizada no segundo andar da escola. Conhecer o espaço ajudou na observação das forças que o atravessavam e o constituíam: o tema; a dinâmica e as obras mediadas surgiram da visita a essa sala dos professores.

Na sala, havia uma imensa mesa com capacidade para aproximadamente quarenta pessoas sentarem em círculo. Estava ocupada em boa parte por essa mesa. Ao redor da mesa, cadeiras confortáveis; ao redor das cadeiras, armários, escaninhos dos professores, do chão ao teto; do outro, a outra ponta da mesa e uma imensa tela branca para projeção de imagens. Um projetor no teto da sala, na altura do centro da mesa. A sala, bastante iluminada, os móveis de tons claros; uma porta de vidro no meio da sala, pela qual entramos. O espaço para circulação era ao redor da mesa. Indo pela esquerda chegava-se a um lavabo. Tudo observado. Faltava algo. Não havia algo. Mas o que faltava? Uma janela. A sala não possuía janelas! Então comentei “ah, aqui nessa sala não há janelas” e a pessoa que me conduzia na sala disse “há uma, apenas uma, atrás da tela do retroprojetor, mas não dá para lugar nenhum, dá para a parede”. Foi desse diálogo da ausência de janelas e da existência de uma janela que não dava para lugar nenhum, na sala dos professores do ensino fundamental II e usada também pelos professores do ensino médio, que surgiu o tema e o título da oficina: “Abrir janelas na escrita”.

A oficina envolveu três momentos que seguiram as seguintes dinâmicas.

O primeiro momento foi a apresentação da proponente e da proposta da oficina como uma atividade de experimentação da linguagem através de um exercício de criação literária. As dinâmicas da oficina foram apresentadas, explicitando que, na primeira parte,

² A primeira autora deste artigo participou dessa semana pedagógica como ministrante da oficina aqui relatada.

haveria o filme/documentário “Janelas da Alma³ de Walter Carvalho e João Jardim, para assistir em grupo. Após o filme, haveria intervalo e lanche. Após o intervalo, no retorno para a segunda parte da oficina, aconteceria o exercício de criação literária em grupo e, por fim, no terceiro momento, o compartilhamento em voz alta das produções escritas.

No segundo momento, houve uma conversa coletiva sobre o filme e sobre a metáfora da janela e suas diferentes significações. Os depoimentos dos escritores José Saramago e Manoel de Barros apresentados no documentário foram retomados. Após esse diálogo, e antes de iniciar o exercício de criação literária, as/os participantes foram convidados/as à escuta de um poema que foi lido em voz alta por uma das professoras: foi escolhido pela proponente da oficina o poema de Cecília Meirelles (2016) “Houve um tempo em que da minha janela”. Após a leitura, cada participante ganhou folhas A4 em branco e caneta e foram toda/os convidada/os a escrever um pequeno texto com o tema “Janela”.

Enquanto a proposta estava sendo apresentada, uma das participantes falou para o grupo que havia uma frase que, como nas músicas de ciranda, poderia ajudar na escrita do “poema” para aqueles que não sabiam como iniciar sua criação: a frase era do poema da Cecília que havia acabado de ler “Na minha janela é onde tudo chega e tudo passa”. Intervenção inesperada, porém oportuna. No momento em que encerrou o diálogo coletivo e foi dado início à atividade de criação, houve um tumulto geral, de conversas e pensamentos em voz alta, sobre o tema e como escrever. A atividade foi recebida e não houve resistência à proposição. Aos poucos, as vozes foram dando vez a um silêncio que foi ganhando o espaço e durou aproximadamente cinquenta minutos. As escritas iniciaram e o silêncio das vozes só não era maior que o volume das linhas que as canetas abriam como janelas no papel.

As pessoas iam dando sinais que já haviam concluído, antes dos cinquenta minutos. Como estávamos todos ao redor de uma grande mesa, as que terminaram primeiro ficaram conversando em sussurros entre si, o que gerou incômodo em quem ainda estava escrevendo. Em resposta, aquelas que estavam de conversa pegaram seus smartphones. A janela virtual serviu como uma alternativa para aguardar o tempo que levou para que todos pudessem escrever ou reescrever. Quando todos estavam com os textos prontos, os smartphones iam sendo guardados e a atenção se voltava para a mediadora, que encaminhou o terceiro momento da oficina. Nesse terceiro momento

³ “Janela da Alma” é um documentário premiado que aborda através da narrativa de pessoas com deficiência visual, miopia hipermetropia, como elas veem. O filme problematiza os sentidos de ver e não ver em um mundo saturado de imagens.

houve a leitura em voz alta por cada um/a dos/as participantes de seus próprios textos; uma relação intensa foi vivenciada com cada texto lido, marcada por afetos tanto na voz como na escuta.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES: ATIVIDADE DE CRIAÇÃO POÉTICA E EDUCAÇÃO DO SENSÍVEL

Iniciamos a análise das ressonâncias da oficina estética “Abrir janelas na escrita” com a apresentação de algumas das produções que ali emergiram, as quais visibilizam quais janelas foram abertas nas vozes e paisagens e quais percepções de paisagens foram compartilhadas. Diante da qualidade de todas as produções não coube escolha dos melhores, a forma adotada para eleger os poemas para o artigo, primeiramente foi não selecionar poemas de professore/as que tivessem a mesma formação ou a mesma atuação de área de ensino na escola. Em seguida, a seleção dos cinco poemas foi feita às cegas. Há poemas de professores de Inglês, de Matemática, Física, Pedagogia. A oficina atendeu profissionais de todas as áreas de ensino do fundamental I e II que atuavam na escola. O convite à escrita deixou em aberto o gênero literário a ser usado, e o poema surgiu como meio para criação. As produções de todas/os foram poemas.

Janela, janelinha, porta, campainha... béééh!

Lá vem o sol chegando quentinho mais uma vez através da sua cortina rosa adentrando meu quarto e me fazendo pular da cama com uma preguiça danada entrelaçada ao meu corpo. Olho através da janela, as pessoas passando e observo atentamente o que elas estão vestindo, para assim saber com que roupa estou indo.

Passa dia, passa mês, passa ano e o tempo sempre me permite olhar pela minha janela só para saber como será que será meu dia.

As imagens são sempre diferentes e já passei por muitas janelas! Todas elas me mostram o quão Bela a vida era. Mentira! Às vezes eu via tudo nublado, chuvoso, cinzento. Outras vezes as cores pareciam mais intensas! E era tudo tão bonito! Eu sempre sabia como seria meu dia e quando essa janela se fechava eu via quão surpreendente meu dia tinha sido!

E assim continuo admirando e imaginando: Como será meu dia hoje?!

K. R⁴.

Na Minha Janela é Onde Tudo Chega e Tudo Passa...

Quando eu era pequena, abria a janela e via uma ameixeira carregada de ameixas amarelas. Havia galinhas, porquinhos da Índia, muitas árvores, muitas crianças de tamanhos diferentes, cabelos loiros, escuros e enrolados.

Todos em torno da ameixeira. Todos se conheciam e cada um, que passava pela janela, trazia no rosto um olhar, um sorriso, uma brincadeira nova, uma pergunta ou uma história para contar. À noite, a janela se fechava para nos abrigar do frio, mas mesmo fechada, quando olhava para ela, imaginava tudo que estava lá fora, em cada canto. O tempo passava e cada vez menos crianças passavam em frente à janela. Elas iam crescendo, as responsabilidades aumentando e já não passavam tanto pela janela. Às vezes aos

⁴ Constam somente as iniciais dos nomes das autoras e autores.

domingos, apenas.

As galinhas também se foram e deram lugar a muitos ônibus e carros que agora passavam correndo em frente à janela. Mas a janela estava lá, esperando pelo que viria. Uma vez, até neve passou pela janela. E foi lindo!

Uma palmeira nunca saiu da frente da janela, cresceu, cresceu e cresceu. Da janela, eu só via o tronco. Um dia, também eu deixei de olhar tanto por esta janela.

Fui conhecer outras janelas, mas sempre voltava à noite. Até que mais tarde, a paisagem mudou. Tudo saiu de lá, até a velha janela. Somente a palmeira persiste. Hoje, olho de outra janela, vejo muitas pessoas, mas as que passam dificilmente olham, falam ou se importam. Mas vejo árvores, flores, pássaros e animais.

Na frente desta outra janela, outra palmeira cresce. Daqui a pouco já terei que olhar para cima para vê-la.

Dois janelas, dois tempos diferentes. De igual, só as palmeiras.

M. P.

A Janela

Houve um tempo em que, quando eu abria a minha janela, era possível ver o sol.

O sol brilhava com tanta força, entrava sem pedir permissão;

E eu, eu espirrava. Sentia seus braços entrando forte e aquilo atacava-me, provocava espirros sem fim. E na manhã seguinte, lá estava ele, o sol, que entrava vigorosamente sem pedir licença. E brilhava.

E quando o ofuscamento causado se dissipava e os espirros cessavam, era possível ver alguns poucos passantes. Os que desciam [a rua] pareciam felizes, animados com mais um dia de trabalho; os que subiam, tinham ar de cansaço. Talvez não pelo dia, ou atividades realizadas, mas pela própria rua, que subia. E mais ao longe era possível ver tantas outras janelas.... Umhas tantas abertas.... Outras tantas, fechadas...

O que será que guardavam estas janelas? Ou o que ou quem protegia estas janelas?

Ah... As janelas...

M. H.

Portal da Vida

Houve um tempo

Em que janela para mim

Simbolizava um portal.

Portal para a claridade,

A luz e o calor do Sol entrando.

Portal para a amizade,

Sentar na janela para conversar e ver o tempo passar.

Portal para a aventura,

Entre escaladas, pulos e brincadeiras.

Hoje a janela se mantém,

A maior parte do tempo,

Fechada e gradeada.

Quanto medo e insegurança!

Agora a janela que mais abrimos é virtual.

Windows não deixa de ser um portal.

Portal para informações e relações.

Após tantos anos,

Percebo que a janela está lá

E como um portal sempre existirá.

Por ela poderá passar tudo o que o mundo ofertar

Ou apenas aquilo que eu desejar!

C. R.

A moldura dos olhos

É o contorno da vista.

Do que é longe, do que é

Perto, da equidistante presença entre

O eu e o

Que nem sei se exista.

É através desses moldes molduras
Entornos-contornos (eternos-retornos)
Que vejo tudo o que
Nunca será; que nunca talvez fosse parte
Daquilo que eu, um
Pessimista, jamais
Poderei ter – justamente por ter
Sido sempre apenas
Mais um
Egoísta.

V. L. F.

“Não tem como interpretar um poema, um poema já é uma interpretação”. Essa máxima do poeta Mário Quintana (1980) conduziu o olhar para os poemas produzidos na oficina. Parafraseando o poeta gaúcho, afirmamos que não há o que interpretar nos escritos das participantes da oficina, pois eles já são uma interpretação. Eles compõem a narrativa da experiência da oficina “Abrir janelas na escrita” e são parte das ressonâncias do encontro com a arte literária e cinematográfica e com a possibilidade de olhar para si mesmo, através de uma ótica poética. Se a interpretação não é possível, então como ler as produções que nasceram no território comum da oficina “Abrir janelas na escrita”? O que olhar e como olhar essas criações poéticas?

Virgínia Kastrup (2001), a partir das proposições de Henri Bergson, afirma que a força que move a criação de um poema, por exemplo, precisa ser encarnada numa matéria linguística. É preciso acessar a fluidez que a linguagem, como qualquer matéria, possui. Em uma analogia com o fazer escultórico, ela diz que quando se cria uma escultura,

(...) se extrai do bronze ou do mármore uma fluidez para criar um braço que pende, um olhar, um desalinho dos cabelos, um corpo em estado de relaxamento, a elegância de um passo de dança. Esculpir é, então, acessar a ductilidade da matéria, suas forças intrínsecas, seu movimento interno (KASTRUP, 2001, p.21).

O que esculpiram as/os docentes em seus poemas criados no contexto da oficina? Quais lugares e quais matérias surgiram através de olhar pela janela? Quais paisagens e quais movimentos internos expressam ter (des)construído? As matérias, os assuntos de que tratam os poemas, são as matérias do vivido, da vida em suas complexas relações, seja com outros, humanos e inumanos, seja consigo mesmo. Os poemas trouxeram aquilo que a oficina buscou trazer à tona, uma visita à própria memória, das próprias vivências e experiências e da passagem do tempo. Os poemas mostram o vivido de cada um/a, a partir da janela, como quem olha pra vida, nos seus processos de criação, de singularização.

A oficina ativou o que podemos chamar de “devir janela” de cada participante. Funcionou como lugar de passagem, passar o ar, a luz, tirar o mofo das memórias afetivas, ouvir as ressonâncias do tempo através das palavras e na busca delas. Ao mesmo tempo em que falavam de si como que por “fora da janela”, seja dentro de casa, ou fora dela, em alguns poemas os/as autores/as parecem ser a própria janela! Emolduram-se e compreendem que a moldura, no campo do vivido, não se fixa, mas algo da paisagem permanece. Um aroma, um tempo, um grupo de amigos. Algo que muda; alguém que chega e cresce; uma janela *Windows* que foi aberta.

Uma espécie de janela-esfinge, que apresenta seu enigma: a metáfora da vida e do viver. Também a nostalgia de uma infância que passa pela janela como filme e de uma vida adulta que apresenta a paisagem áspera das rotinas. Um devir que permitiu rememorar e produzir no corpo e, por sua vez, na escrita, sensações tão particulares como se a janela ligasse a uma certa experiência de alteridade, no sentido de ser paisagem para a leitura, de si e do outro.

Considerando a palavra-linguagem encarnada nos poemas, é o sedimento do vivido que foi possível alcançar na oficina estética, um material diferenciado, sem modelo prévio. O encontro com o filme “Janela da alma”, com os depoimentos de diversos artistas que aparecem no filme; a escuta atenta ao poema de Cecília Meirelles e a conversa informal sobre as significações para a metáfora “janela”, criaram um espaço fértil para a produção de uma escrita em que os/as participantes se experimentaram através da forma poesia. Alguma reconciliação com a própria expressão foi possível, resgatando a palavra, o gesto, as ideias, e um retorno ao olhar através das janelas. Uma escrita que envolveu percepção, sensações e experiências de cada um/a em sua dimensão afetiva, trazendo nela o cotidiano; uma escrita que tratou da vida, das relações, da convivência, de como se olha e se sente a vida. A oficina estética “Abrir janelas na escrita”, como uma experiência formativa dos sentidos, permitiu a experiência do olhar para si mesmo, através da metáfora da Janela. Olhar para si, para a memória das janelas que já se abriram, que já se fecharam, que se construíram.

A “Janela”, ao surgir como tema, foi uma forma oportuna de tratar, em grupo de docentes, um assunto que é fundamental e com o qual se deparam cotidianamente: como olhamos o mundo? Como me olho, me percebo? Como olhamos a nós mesmo/as e os outros e outras com quem convivemos? Por quais janelas espio a vida, por quais janelas a vida passa? A matéria do vivido, no território temporário da oficina, através do recurso metafórico da janela, se transformou em matéria para experimentação e criação.

“Janela da Alma,” o filme assistido em grupo na primeira parte da oficina, é um documentário realizado em 2001 por João Jardim e Walter Carvalho e trata dos sentidos da visão. Este filme instigante traz uma rede complexamente composta de mensagens, e uma que se destaca é a de que ver não depende apenas dos olhos e de que os olhos são excessivamente usados na sociedade da produção excessiva de informações e imagens. Como o depoimento de José Saramago, que diz no filme que nunca estivemos tão próximos da alegoria da caverna de Platão do que hoje, pois somos bombardeados por imagens de todo tipo, sombras que cremos serem reais. A janela da alma se tornou a metáfora para problematizar, de forma poética, o olhar, ou de como, nos territórios escolares, as experiências de vida fazem parte da formação.

Pensar a temática do olhar no território escolar é de extrema pertinência. “É nessa relação do olhar, que se estabelece o processo da arte na educação. Há aquele que me olha e me permite ser livre, mas há aquele que me olha e me castra, me corta e não me deixa ser”. Campos Queirós (2012, p. 104), quando uma criança chega em sala de aula, a primeira coisa que ela aprende a ler, muito antes da leitura das palavras escritas, é o olhar de seu ou sua professor/a. Há olhares que distanciam, há olhares que abraçam.

Merleau-Ponty descobriu uma coisa fundamental. Um dia, ele olha muito tempo para o sol e descobre que olhar dói. Ele começa, então, a fazer uma análise dessas coisas. Começa a perceber que ouvir uma música tão bonita às vezes pode arrepiar o meu corpo. Então, ver assim como ouvir também é tátil. (CAMPOS QUEIRÓS, 2012, p.105)

O olhar do professor tem grande interferência no processo de aprendizagem dos/as alunos/as. Necessário, no entanto se faz compreender que o olhar não é uma experiência exclusiva do olho, olhar é uma experiência tátil, sensória, sensível. Partindo dessa premissa, a proposta da oficina “Abrir janelas na escrita” consistia em tomar a si mesmo, através da imagem da Janela, como obra a ser olhada, sentida, lida, problematizada e escrita no contexto da oficina. Escrever as forças que impulsionam, que acolhem, mas também dizer das forças que limitam e censuram. Como a subjetividade no campo da formação está sujeita a forças de captura que buscam homogeneizar e universalizar torna-se indiscutível o movimento “piracêmico”, ou nadar contra a correnteza. A oficina estética “Abrir janelas na escrita” como proposta para uma formação estética buscou atuar pelo sensível, no movimento contracorrente. Como resultado dessa oficina, houve o agenciamento por parte de duas pessoas do grupo de professores/as que se reuniram e

organizaram uma publicação online de uma coletânea - com todos os poemas - que foram disponibilizados publicamente no link que segue na nota.⁵

A oficina buscou tensionar a distância estabelecida tradicionalmente entre formação e educação sensível do educador, reconhecendo que o ato de criação poética está intimamente ligado às vivências e à possibilidade de olhar para si como criador/a da realidade, de uma forma estética. Trata-se de uma perspectiva experiencial da formação, um modo de ver e de conhecer na experiência, como já convidava Deleuze (2004) quando dizia da importância de outra relação consigo e com o mundo, atentando às vibrações da própria vida em processo constante de vir a ser.

É sabido que atividades de criação literária podem ser utilizadas como recursos pedagógicos com justificativas para o desenvolvimento de competências e habilidades dos/as docentes (MARCHIORI; TRINDADE e MELO, 2020); no entanto, o exercício de criação poética como atividade formativa de escrita permite ir além. Ao fazer contato com a poesia e a arte, com a força e a beleza da palavra escrita, notam-se efeitos que tocam diretamente a subjetividade e a sensibilidade.

A poetisa, escritora e pesquisadora Gloria Kirinus é inventora de uma oficina de criação poética intitulada “Lavra-Palavra” que existe há mais de três décadas, direcionada a docentes, estudantes, e não estudantes. No site oficial da escritora, ela descreve que o principal objetivo do projeto é propiciar momentos de contato lúdico com a palavra e descobrir a dimensão poética da linguagem. As oficinas enfocam reflexões prático-teóricas sobre o poético na oralidade e possibilitam descobrir e criar assombros com a linguagem. Proporciona o relacionamento prazeroso com a palavra, explorando o seu aspecto lúdico, infinito e poético e redimensiona o aprendizado e o aprendido pelo canal do imaginário e do potencial crítico/criativo (KIRINUS, 2014). Em trinta anos, a oficina Lavra-Palavra, além das muitas produções poéticas, formou poetisas e poetas, professores/as das mais diversas áreas, que foram “descobertos” no contexto das oficinas, ou foram (trans)formados pelas condições que a oficina possibilitou. Para Kirinus (2014) o professor pode aprender com a poesia e com o poeta a desaprender seu excesso de dogmas e certezas para colocar-se em relação de descoberta, diante do mundo com suas lições de infinito.

O pesquisador Wallisten Passos Garcia (2013) investigou a constituição do professor enquanto leitor e escritor em um processo de formação continuada, através de oficinas estéticas de escrita e as contribuições do/a psicólogo/a escolar para este

⁵https://www.flipsnack.com/anapoesia/provoca-es-da-janela-ftps05ai1.html?fbclid=IwAR36lkrL96yaqM_jQfpUqWC5LgTysvYckp-nO5Ymksn5Ws3CPxs1rQjudho

percurso. Olhou de forma específica para o modo como a experiência com a leitura e a escrita favorece a constituição do/a professor/a enquanto leitor/a e escritor/a e para o modo como favorece o processo de autoria nas práticas de letramento escolar. O autor discute a necessidade de programas de formação de professores que sejam, acima de tudo, programas de formação cultural, assegurando que a leitura e a escrita sejam experiências significativas, evitando que sejam somente espaços de instrução dos métodos e técnicas disponíveis. A experiência da autoria, por meio das oficinas, mostrou-se importante para que as professoras se reconhecessem enquanto autoras e atribuíssem novos sentidos à leitura e à escrita. Ao criarem novas relações com estes processos, foi possível perceber efeitos positivos em suas práticas. Quando experimentaram e reconheceram suas dificuldades de ler e escrever, identificaram-se com seus alunos e perceberam relação com a maneira como são formadas as dificuldades. A constituição da autoria das professoras, através das oficinas de leitura e escrita ofertadas, mostrou-se importante para que as mesmas pensassem seu trabalho de forma a ultrapassar a dimensão instrumental que, para o autor, é o modo como vem sendo realizada e experimentada na escola e na formação de professores/as.

Consoante com o que apontam Kirinus (2014) e Garcia (2013), compreendemos que as oficinas criam condições de possibilidade para a experimentação de uma escrita outra e suscitam devires inusitados. Na oficina “Abrir janelas na escrita”, embora não tenha acontecido em modo de formação continuada, foi possível ver isso acontecer. A atividade de criação poética, como uma experiência de si e não como levantamento de informação, trouxe à tona vozes poéticas que enunciaram, através dos textos produzidos, cansaços, medos, alegrias, desejos, sonhos.

Os/as pesquisadores/as que estão conectados com os estudos das experiências estéticas formativas estão na luta por uma educação que possibilite:

[...] a ampliação dos sentidos e dos processos psicológicos superiores que a eles se amalgamam, onde sujeitos se reconheçam nas relações que estabelecem com suas produções, com a realidade e com seus semelhantes/diferentes ali presentes, podendo, a partir de atividades criadoras, ressignificar seu passado e projetar-se para futuros percebendo a polissemia da realidade em que vivem e do que pode vir a ser (ZANELLA, CABRAL, MAHEIRE E DA ROS, 2006, p.13).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: IMPLICAÇÕES DAS OFICINAS ESTÉTICAS PARA A FORMAÇÃO DOCENTE PELO SENSÍVEL

No início do segundo semestre de 2019, a professora da Universidade de Nova York, Anna Stetensko, iniciou o curso oferecido aos/às estudantes de Pós-Graduação em Ciência Humanas da UFSC afirmando que a ciência precisa estar unida à poesia. Recitou as frases “A imaginação no poder” e “todo poder à imaginação”, referindo-se ao lugar da imaginação como força na luta, na resistência que envolve a produção do conhecimento. Em sua fala destacou, logo nos primeiros minutos, que todo/a pesquisador/a deve explicitar contra o que está lutando, contra que tipo de dominação o/a pesquisador/a resiste.

No âmbito da formação de professores, o trabalho das oficinas estéticas resiste ao paradigma da representação do conhecimento. As oficinas podem abrir janelas e ajudar na troca de ar nesses espaços, atuar para a produção de novas paisagens. Afinal, a existência requer estética, requer sensibilidade, a vida clama por relações inventivas.

As oficinas movidas por uma educação do sensível ganham outras dimensões de importância diante do cenário educacional contemporâneo. Para além de um conhecimento que elimina as afecções da produção do conhecimento, as oficinas estéticas estimulam e valorizam a sensibilidade.

Percebemos, por sua vez, que a oficina estética de escrita é uma ferramenta potente que pode despertar o desejo de escrever com olhares sensíveis, mesmo que seja em um único momento do ano, um único dia na semana de formação pedagógica que fica esmagada entre os dias do ano letivo. O contato com a arte literária e a produção de uma escrita poética podem parecer não ter espaço no mundo das velocidades aceleradas, em que tudo que se faz tem um fim determinado. A escrita poética, por não ter um fim determinado, se contrapõe a essa lógica. Em contextos em que o relógio rege as pessoas e os processos, escrever poemas se faz enquanto janela que se abre para outros tempos. As oficinas estéticas se configuram como possibilidade de intervenção nas sensibilidades, acolhendo-as e (trans)formando-as.

Por ser lugar de criação, de invenção, a arte funciona como intercessora no campo da formação pedagógica inventiva através das oficinas estéticas, uma vez que pode produzir deslocamentos e tensionar formas subjetivas determinadas e fechadas, as percepções pré-determinadas e acabadas. Deleuze e Guattari (1993) argumentam que a arte não é representativa, pois é dela o contínuo movimento da criação, da composição de novas formas de sensações, afectos e perceptos. Quando ela é aproximada do

contexto da formação de docentes, surge o que chamou a pesquisadora Rosimeri de Oliveira Dias de uma arte-formação que resiste à noção de cultura, conformada com o campo distinto resultante das ações do homem, e à noção de cultivo do espírito, dirigida ao bem como um juízo de valor e um fim. A arte ganha à dimensão dos corpos, entendendo-se por corpo qualquer relação de forças (ativas e reativas). Surge a possibilidade de pensar arte como resistência e como afetação dos movimentos emergentes de tais relações de forças (DIAS, 2010).

Pensar a arte na formação de docentes é pensar em processos formativos que permitam um olhar outro sobre o conhecimento, o mundo, sobre si, sobre o outro, o outro que não humano. Se é na arte e nas oficinas estéticas o lugar para a educação da sensibilidade e para a experimentação de uma forma outra de significação da vida, parece cada vez mais urgente sua inserção em processos de formação docente sejam formais ou informais, sejam prolongados ou pontuais como a oficina estética “Abrir janelas na escrita”.

REFERÊNCIAS

- ALBANO, Ana Angélica. Formação estética. Palestra proferida no **EDUCASUL**. Florianópolis, 09 ago. 2007.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 2004.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Escuta, 2004.
- DIAS, Rosimeri de Oliveira. Formação Inventiva de professores. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira (org). **Formação inventiva como possibilidade de deslocamentos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. 3. ed. Curitiba: Criar, 2004
- DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papyrus. (Coleção Ágere), 1991.
- KASTRUP, Virgínia. A aprendizagem da atenção na cognição inventiva. **Psicol. Soc. [online]**. 2004, vol.16, n.3, pp. 7-16. ISSN 1807-0310.
- KASTRUP, Virgínia. **A invenção de si e do mundo. Uma introdução do tempo e do coletivo no estudo da cognição**. Belo horizonte: Autêntica, 2007.
- KASTRUP, Virgínia. Conversando sobre políticas cognitivas e formação inventiva. In: DIAS, Rosimeri de Oliveira (org). **Formação inventiva como possibilidade de deslocamentos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2012.

KASTRUP, Virgínia. Experiência Estética para uma Aprendizagem Inventiva: notas sobre a acessibilidade de pessoas cegas a museus. **Informática na Educação: teoria & prática** Porto Alegre, v.13, n.2, jul./dez. 2010.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. In: **Revista Brasileira da Educação**. Nº 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

MAHEIRIE, Katia. et al. Processos de criação em educadoras: uma experiência e suas implicações. **Revista do Departamento de Psicologia** - UFF, v. 19 - n. 1, p. 145-154, Jan./Jun. 2007.

MARCHIORI, A. F., TRINDADE, L. H. & MELO, AS. Writing practices in continuing training of teachers that work in childhood education. **Research, Society and Development**, 9(7), 2020.

MARTINS, Miriam Celeste. O Sensível Olhar Pensante. In: FREIRE, Madalena (Org.) **Observação, Registro, Reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. 3. ed. São Paulo: Publicações do Espaço Pedagógico, fev/2003.

MARTINS, Miriam Celeste. O Sensível Olhar Pensante. In: FREIRE, Madalena (Org.) **Observação, Registro, Reflexão: Instrumentos Metodológicos I**. 3. ed. São Paulo: Publicações do Espaço Pedagógico, fev/2003.

MEIRELLES, Cecília. **Escolha o seu sonho**. Rio de Janeiro: Global Editora, 2016.

MOREIRA, Debora Oliveira. Atitude estética na formação continuada de professores do ensino fundamental. 2014. 107 f. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2014.

PLASZEWSKI, Helenara; MEIRA, Mirela Ribeiro. Educação, Estética e Metamorfoses Pedagógicas. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, RS, v. 25, Dossiê, 2020.

QUEIRÓS, Bartolomeu. Campos. **Sobre ler, escrever e outros diálogos**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

QUINTANA, Mario. **Os poemas**. São Paulo: L&PM 1980.

SCHLINDWEIN, Luciane Maria. Arte e desenvolvimento estético na escola. In: PINTO, Angel; SCHLINDWEIN, Luciane Maria e NEITZEL, Adair de Aguiar (orgs.) **Cultura, escola e educação criadora: formação estética do ser humano**. Curitiba: Editora CRV, 2010.

VIGOTSKI, Lev. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico**. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

ZANELLA, A.V. et al. Relações estéticas, atividade criadora e constituição do sujeito: reflexões sobre a formação de professores(as). **Cadernos de Psicopedagogia (UNISA)**, v. 06, p. 00-06, 2006.

ZANELLA, Andrea. Vieira. et al. (Org.). **Educação estética e constituição do sujeito: reflexões em curso**. Florianópolis: UFSC, 2007.